



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Zuenir Ventura

Zuenir Ventura, que nos deixou nesta semana, é um daqueles que merecem o título de mestre com todas as letras. Recebi a primeira notícia de Zuenir em uma das entrevistas de Glauber Rocha. Ao desfechar críticas contundentes à imprensa brasileira, no estilo explosivo de sempre, Glauber disparava: “Grandes jornalistas são Reynaldo Jardim, Jânio de Freitas, Oliveira Bastos, Antônio Callado e Zuenir Ventura”.

O brado de Glauber despertou a minha curiosidade e, desde que li as reportagens, artigos, crônicas e livros de Zuenir, ele se tornou uma referência fundamental. Quando atuei como professor, os livros dele viraram leitura obrigatória. Assino embaixo do lema de Darcy Ribeiro, só se fazem mestres com mestres. Com objetividade de jornalista, mas com mão de escritor, Zuenir escreveu livros fundamentais para a compreensão do Brasil.

1968 — *O ano que não terminou* é uma pequena obra-prima de jornalismo impressionista, pois consegue fazer uma rara mistura de reportagem, memorialismo e história ao reconstituir aquele período riquíssimo de revoluções por minuto.

Nenhum parágrafo começa com o pronome “eu”. No entanto, o olhar agudo e sensível de Zuenir está presente em cada frase.

Antes de *Chico Mendes — Crime e castigo*, poucas pessoas no Brasil conheciam o mais importante líder ambientalista do país, que lutava com táticas pacíficas de resistência. Chico despertou a consciência do mundo para o perigo da devastação numa época em que ainda não se falava de mudanças climáticas. Zuenir viajou até o Acre e fez uma reportagem magnífica, desvelando os interesses poderosos em jogo, a violência dos fazendeiros e as vulnerabilidades dos que resistem.

O livro registra um episódio revelador da humanidade de Zuenir. Em certo

momento da reportagem, percebeu que o menino Genésio, à época, com 13 anos, testemunha-chave para a condenação dos assassinos de Chico, corria grave risco de vida. Então, contrariando todas as recomendações dos manuais de jornalismo, no sentido de não se envolver com os personagens da notícia, levou o garoto para sua casa no Rio de Janeiro. Lá, ele ficou até completar 18 anos.

Zuenir fez a mediação das entrevistas do documentário *Três Antônio e um Jobim* (com Antonio Candido, Antônio Houaiss e Antônio Callado). No filme, Antonio Candido diz que os grandes homens desapareceram porque eles dependiam da utopia e elas não existem mais. Os grandes homens

seriam os animados por ideais, projetos ou sonhos coletivos. Zuenir era um filho da utopia. Ela nos torna (ou nos tornava) melhores do que somos.

Só tive dois raros contatos com Zuenir para entrevistas sobre uma biografia precisamente sobre Glauber, que não chegou a ser publicada, pois os originais foram furtados do carro e ele desistiu do livro. Todavia, foram suficientes para apreciar a inteligência, o senso de humor, a sensibilidade, a generosidade e a elegância de Zuenir. Ele não ficava em cima do muro. Mais do que nunca, é importante para os jornalistas honrar os valores que esse mestre ensinou nas reportagens, nos artigos, nos livros e na vida.

» GABRIELA CIDADE*

Entre maio e outubro quem passeia pelo Parque da Cidade Sarah Kubitschek nos fins de tarde de domingo tem a possibilidade de presenciar uma união potente: pôr do Sol e música. Ao som do saxofone conduzido pelo artista Luno Delucci, que toca em cima de um barquinho dentro do lago, centenas de pessoas se reúnem na época da seca para contemplar a arte e a natureza.

O projeto Pôr do Sol no Parque acontece nas margens do lago próximo ao estacionamento 11 do Sara Kubitschek, maior parque urbano do Brasil. Desde maio de 2024, quando a chuva dá trégua em Brasília e abre espaço para dias ensolarados e finais do dia em que o céu colore a cidade. No dia 4 de outubro, primeiro do mês, será a última apresentação de 2026, onde brasilienses poderão se despedir (até ano que vem) do projeto.

A iniciativa surgiu quando o administrador do parque Todi Moreno conheceu o Pôr do Sol da Praia da Jacaré, em João Pessoa, com o saxofonista Jurandy do Sax enfeitando turistas e moradores locais com sua interpretação do *Bolero* de Ravel no fim da tarde. Isso há mais de 20 anos. “Percebi o quanto aquele projeto emocionava as pessoas e atraía turistas para a cidade. Então tive a ideia de trazer essa experiência, aproveitando nossa lagoa e aquele momento majestoso em que o sol se põe”, comenta.

Luno Delucci, o artista responsável pela música, afirma que “é o palco mais bonito do mundo, e é dinâmico, cada domingo vira algo diferente”, celebra. Luciano Carvalho (seu nome de batismo), tem 52 anos e é musicista, produtor musical e compositor há 30 anos. Nascido em Brasília, viveu no Rio de Janeiro por 10 anos, onde tocou com Cássia Eller, Reginaldo Rossi, Agnaldo Timóteo, Alcione, entre outros grandes nomes da música brasileira.

A primeira edição foi um sucesso. “Foi bem improvisado, mas deu muito certo. Tanto que o Todi se empolgou e quis fazer de qualquer jeito. E eu quis apostar. Achei que ia dar certo e realmente tem dado”, aponta Luno. De acordo com o administrador do Parque, cerca de 3.500 pessoas, em média, vão todos os domingos frequentar o espaço e ouvir a melodia do saxofone.

Neste ano, o projeto começou no domingo de Dia dos Pais. Cada edição tem um tema, como tributos à Legião Urbana e Michael Jackson, músicas de novelas, celebração aos anos 1980 e 1990, entre outros. A apresentação segue um ritual: às 16h um DJ começa a tocar. Às 17h20, Luno e o barqueiro Marivon Medeiros, de 57 anos, iniciam o show com o apreciado *Bolero* de Ravel. Para encerrar é tocada a *Ave Maria*. “Tem esse momento meditativo, e o pessoal sempre sai meio zen, mais feliz”, comenta Luno.

Quem escolhe o tema de cada edição é ele e sua esposa, a professora e co-produtora do espetáculo Lisa Alvarenga, 45. É ela quem apresenta e guia o show. “Ela foi cantora de gospel na igreja e tem uma voz muito boa”, ressalta o artista.

Apreciação

Presente a vários pores do Sol no Parque, a estudante de educação física Marta Ziller, de 26 anos, conta que aproveita as programações diurnas da cidade. Para ela, a diversão vem de frequentar um espaço aberto para todas as idades e que valoriza artistas do Distrito Federal. “Isso é muito importante para o DF, que é um polo de arte muito potente. Ter eventos é essencial para que a troca entre artistas e públicos aconteça, e essa nutrição é muito importante para que a cultura

Projeto gratuito enriquece os fins de tarde todos os domingos no Parque da Cidade Sarah Kubitschek com o som ao vivo protagonizado pelo saxofonista Luno Delucci



Foto: Ed Alves/CB/DA press

O projeto atrai visitantes ao Parque da Cidade: harmonia e conexão com o meio ambiente

Pôr do Sol com música e natureza

permaneça viva. Quero ir muitas outras vezes”, pontua.

Todi Moreno ressalta a simplicidade do projeto. “É sem fins lucrativos, em área aberta. Nasceu da boa vontade de todos: amigos, artistas e frequentadores do Parque.” Ele assume, ainda, planos de oferecer nova estrutura em 2027. Para o administrador, há prazer em organizar um momento de pausa e apreciação. “É uma grande honra saber que esse projeto proporciona paz, bem-estar e conexão com a natureza para tanta gente”.

Para Todi e Luno, o sentimento se encontra na gratidão e no entusiasmo do público. Ambos celebram a criação do projeto e a grande adesão de

famílias, amigos e cidadãos do DF. “O Pôr do Sol no Parque está fazendo história, e, mais do que isso, criando memórias afetivas nos brasilienses”, conta Moreno.

Trajetória

Luno Delucci tocou em diversas casas de show em Brasília nos anos 1980 e 1990 até desembarcar no Rio de Janeiro no início dos anos 2000, onde viveu por 10 anos. “Eu era um músico versátil. Toquei com bastante artista. Aqui, toquei no Teatro Nacional, em todos os espaços culturais da época. Fiz parte de várias bandas, como a Vagabundo Sagrado, com o Marco Guedes, que foi quem, mais

tarde, me indicou para o projeto do parque”, relembra o saxofonista.

Sobre a escolha das músicas para os shows de domingo no Pôr do Sol, Delucci conta com seu repertório de anos de experiência. “Eu tenho o repertório de memória muito grande, então consigo tirar tudo na mão. Devo ter mais de 200 horas de música guardadas”. A partir da temática escolhida, ele constrói as apresentações.

No momento em que Luno sobe ao barco, o espetáculo se inicia, mas não sem desafios. O microfone que amplifica a melodia do saxofone enfrenta interferências na conexão e o barco balança. Ele conta que “é como trabalho de circo, tenho que me equilibrar, senão o barco vira e

cai dentro da água eu e o barqueiro. Tenho que girar pouco, sei do limite que eu posso dançar e me mover”, complementa.

“Pra mim, está sendo uma experiência única, porque, além de ser um espaço lúdico que favorece demais para as pessoas se conectarem com o meu trabalho, eu também as ajudo a ter uma boa desculpa para admirar a natureza”, conclui.

O brasiliense ainda tem duas oportunidades de vivenciar o projeto do Pôr do Sol no Parque: neste domingo, 27 de setembro, e em 4 de outubro.

*Estagiária sob supervisão de Márcia Machado